

### O gênero esquecido até no audiovisual maranhense: A mulher

Rose Panet  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: rosepanet@gmail.com

Mayra Santos Fonseca  
Universidade Estadual do Maranhão, Maranhão, Brasil  
Endereço eletrônico: mayrasantosfonseca@gmail.com

1617

**Palavras-chave:** Memória. Mulher. Audiovisual

### INTRODUÇÃO

Do parecer literal a, de fato, um gênero audiovisual. Ao vermos ilustres enquadro sobre o passado e presente, forma-se no imaginário até de quem não estivera presente uma pintura que se expõe através dos olhos de todos os seus sentidos. Nos movimentos aristocratas do registro por pinturas, a elucidação de sentimentos é provocante. Retrata calmaria, monarquia, mortes e as minhas favoritas, heresias. Nestas heresias, ao meu ver, os sutis aspectos visuais de um tempo que a pintura era o registro, emana a beleza e o transformar, transtornar, trazendo à visão, ou a descrição dessa, àquilo que nunca foi. Podemos notar o registro, da pintura à fotografia, bem como o audiovisual. Ao esconder e/ou destruir de fotografias, áudios, *uniões* entre o audiovisual, o gênero que nunca foi o foco, aos gêneros que foram. O diálogo bem-vindo. Só que a memória, em vários sentidos (toque, cheiro, voz e o enxergar) é elucidada, objetivamente por esse ensaio, através de mulheres distintas, semelhantes a suas particularidades e diferente ao sistema que a vos cabe. Quando existiu a separação entre a mulher e sua presença? Reitero agora em uma afirmativa. Quando existiu a separação da mulher e sua própria presença. Por trás das lentes e na frente das mesmas. Em contragosto aos aristocráticos, existem os escandalosos como o de Portinari sobre os “Os Retirantes” pintados por inteiro, um costume que somente aos ricos era algo comum e retratando por si, a pobreza em contraste com o

**Realização:**



**Apoio:**



mundo para além das classes abastadas. Tratamos da linguagem, porque através dessa podemos expressar o comportamento.

Dado exposto, nota-se a necessidade explícita de trabalhar alguns conceitos para expor os resultados alcançados perante a este diálogo. Concebe-se, de maneira simplória, “Memória” para descrever a capacidade de armazenamento de conhecimento, efetuado pelo cérebro humano em um processo chamado de *engramação amnésica*, ou formação de unidades de memória (DALGALARRONDO, 2008). No ideário filosófico de Judith Butler (2013), *gênero*, dada a finalidade de compreender os papéis sociais e a história (não) contada sobre a cidade, seria mais uma forma de estar no mundo, uma espécie de dimensão cultural construída ao longo do tempo e não determinada pelo sexo biológico. Ou seja, nascer fêmea não necessariamente faz uma mulher. Nos Estados Ocidentais, as teorias de gênero por um longo período foram atribuídas a essa uni dimensionalidade do capital, que se notou que na história da sociedade prevalece certa dicotomia: A mulher é destinada aos trabalhos reprodutivos, subservientes para a manutenção da sociedade como cuidado do lar, filhos entre outros, e o homem designado naturalmente para os trabalhos produtivos, com valores excepcionais para a economia.

Não obstante a essa realidade, afirmará que na História enquanto disciplina científica, as mulheres tiveram *suas* histórias escritas por homens, sempre à margem do que era considerada a História Universal (masculina). Torna-se intencional que o texto todo esteja sendo fruto de uma leitura a sua luz legível seja literal, mas ao transpor de algumas poucas palavras, surge uma demanda de possibilidades da construção de narrativa dentro dos preceitos da memória e, sobretudo, as perspectivas que podem se elucidar diante dos registros. O Urbanismo percebido por Inés Madariaga (2004), enquanto atividade que objetiva intervir sobre a realidade urbana, desconhecer as referências sobre a vida, memória e trabalho das mulheres, poderá, de que forma, contemplar sua existência nas cidades? O mesmo sobre o gênero amplamente esquecido. Para destacar o audiovisual e como abordaremos parte do que obtemos como objetivo: deixar que nos contem o que viveram, permitindo-nos apenas digitar.

Realização:



Apoio:



## METODOLOGIA

Teóricos e teóricas de gêneros, mulher, que se sobressaem nesse mundo são postos em comum acordo pela certeza do que os unificam: fluidez. A simplicidade sistemática do homem e da mulher, dos papéis delegados, os próprios questionadores atuais “organizamos esses afazeres em torno da distinção” (Connell e col, 2015). Nesse mesmo entendimento, os autores contemporâneos descrevem o padrão das “ordens de gênero”. A rapidez de produções, os contrastes a níveis globais, nacionais e locais. O que nos diferenciaria? Não que haja um tom negativo, mas em comum acordo com Judith Butler (2013) acerca do “problema de gênero”. A quem endereçar as discussões? Essa pesquisa endereça apenas a vida em momentos excepcionais das próprias mulheres e se precisavam lidar constantemente com uma realidade narrada na História Oficial.

O conflito é a expansão da metodologia tão querida: Qualitativa. Expressa em grande intensidade ao elucidar conversas teóricas supraditas e aqui ditas, seleção de fotos para que não “forjem” “fabriquem”. Mencionado durante o trabalho repetidamente. Essa reunião, bem como a de teorias adversas sobre o gênero mulher elucidadas principalmente por Judith Butler (2013) e em relação ao coletivo urbano Inés Madariaga (2004). Sem “dramatizar a história” no entendimento do autor David SilverMan (2010) resumido em pesquisa qualitativa acessível, creio que para a compreensão. De fato, inclusive nesse ensaio, a necessidade de não buscar dramatizar algo que não nos pertence. A memória Individual, destacando-se Bosi (1994) e Bergson (entre 1970).

A cidade começava o processo de esvaziamento do que era apenas o centro. Houve, nessa trama, uma certa delegação para o afastamento das forças perante ao empoderamento, sobretudo das mulheres nas ruas. Regidas pelo medo ou por viverem sob um Regime Militar instável. Os dialogar teóricos, a consideração da fluidez (Connell e col, 2015) dos mesmos, repetidamente dito, não foram reclusos apenas ao conjunto de ideias. Ajudaram a pesquisa a ter mais respeito e celebração do acervo que foi coletado no Museu Audiovisual do Maranhão (MAVAM). Destarte, em discurso, mudança de cenário e forças invisíveis, decisões antidemocráticas, a cidade começava o processo de esvaziamento do que era apenas o centro. Depois o chamado “Centro Histórico” com mais frequência.

Realização:



Apoio:



Houve, nessa trama, uma certa delegação para o afastamento das forças perante ao empoderamento, sobretudo das mulheres nas ruas. Regidas pelo medo ou por viverem sob um Regime Militar instável. Nessa ordem de ideias com foco no recorte de gênero demanda certa problematização da posição ocupada pela mulher no corpo social, incluso o Audiovisual, indo de encontro com a vertente sociológica que trata a verdade como uma construção de discurso, os poderes supraditos que quase se identificam com a construção de discurso mencionada uma vez por Foucault, no qual o “ser mulher” é uma alíquota indispensável para tal questionamento (Butlher; Judith, 2013; Connell e col, 2015).

As três mulheres, que se diferenciavam em todos os aspectos socioculturais e capitais, expressaram as felicidades, os medos e os anseios da época. Como do passado vieram. Como do passado sentiram e foram vividos. O gênero do Audiovisual, Hollywood, em premiações de importância fílmica centram, uma das poucas vezes que as mulheres participam de películas e são nomeadas para uma premiação, sobre sua roupa. As premiações locais, nacionais e internacionais são irrisórias, mas há as que já ocupam e empoderam-se, como a Rose-France de Farias Panet. O último conhecimento de suas peripécias artísticas é o livro “o homem sem rosto” e pela primeira vez, o homem ficou sem sua identidade no gênero... de livros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao uso de um trocadilho, concebeu-nos toda uma ideia que podem se equivaler em âmbitos sociais tão distintos e ainda tão distantes. Recorre-se às incessantes discussões políticas ao que pertence ao gênero, em linguagem, mulher. A forma que a nossa presença habita em uma historicidade patriarcal. Em livros sobre o assunto, produzidos no pós-moderno, são indispensáveis e contundentes ao questionarem do passado aos seus presentes o desígnio de seu sexo biológico que as prendem ao gênero. A mulher pede para cantar, que a deixem cantar até que afirma que irá cantar, essa é a mulher que vai até o fim do mundo. O resultado não segue uma disposição de conteúdos listados. Devo relatar o medo à *priori*, o desígnio diante da memória urbana, fotográfica e audiovisual constroem, nessa transposição de ideias. Em um excepcionalmente abarcado pelo medo. A temporalidade de 1970 a meados de 1980 presenciou o

Realização:



Apoio:



expansionismo da Cidade de São Luís (MA). O desenvolvimento do cenário. A amostra coletada até em cartões postais no Museu Audiovisual do Maranhão (MAVAM). Instituição, como tantas outras, tão esquecidas como o nosso gênero expresso, a mulher. Nele percebe-se a ausência da mesma, nele percebe-se que dentro dessa composição de ideia, a presença da óbvia ausência. Os teóricos pós modernidade são aqui postos como fluidos. Entretanto, ao selecionar diversos aspectos fotográficos para a incitação da memória, aparenta em discussão o medo do erro. O pavor de terem sua presença, extremamente frequente e rápida, na internet destituída. Os autores supracitados atendiam sim à sua própria agenda, no entanto, ainda que em um trecho, colocavam ideias em contraposição do que foi dito. O que foi feito nesse ensaio. A tentativa de coletar não somente àquilo que ao silenciamento e esquecimento da mulher. E de valor etnográfico, a autora Mayra passou por um tratamento que consistia em 20 convulsões de 10 min assistidas por anestesia. A tortura era antes de começar o tratamento. A minha constante vontade de ser esquecida, pela entidade que fosse, a vida. O bloqueio posterior, mental, surpreendeu até o médico. Em sua memória em me registrei. Fui os 2% da bula de qualquer remédio. Uma memória voltou, chorei. A segunda? Cheirinho de livros velhos, uma segurança de outro acervo imprescindível e ser telespectadora de ver minhas mãos, em luvas de elastano brancas, foleando jornais de 70 para o início do voluntariado sobre “empoderamento das mulheres nas ruas”. Ali, na Biblioteca Benedito Leite, lembrei com a visão, cheiro e o principal, sentimento. Eu fui parte do meu Museu para além do visual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é o começo, ao menos da presente pesquisa, da jornada que essas três mulheres vivenciaram e irão vivenciar. A pura estética da pesquisa “blá-blá-blá”, mas longe da denotação negativa. Mulher não se resume a dados. Muito menos o Audiovisual e a fotografia se resumem a uma categoria. Quando tentaram-nas recortar, mudavam o recorte. A promoção da mudança entre o período até agora estudado, déc. 70 a 80, as artes visuais permaneceram. Através de colaborações do precioso Museu Audiovisual do Maranhão (MAVAM). Tudo é político. Logo após a afirmativa posta “O brasileiro não

Realização:



Apoio:



tem memória...”. Como não temos? Todos 4 anos de copa, choramos pelo hexa, assistimos o ano de 2002. Os direitos dos trabalhadores. O impeachment da primeira mulher presidenta que ao ser eletrocutada, diferente da minha anestesiada, lembrou que sempre dizia a si “só mais 5 minutos”. O medo, construído na película cinematográfica, ou o vivido hodiernamente, carregam consigo uma história. Uma retrospectiva, notícias que a fazem elucidar sentimentos através do olhar. A memória individual é bem resguardada, mas foi o centro do que pode ser considerado pelo título “até no Maranhão” pois aqui temos um fardo de mais de 400 anos. Não recluso à capital. Pessoas. Até aos Museus e suas resistências para com a sua existência. Como a mulher, os Museus não podem ser esquecidos. Pelo que salvaguarda, por quem ali trabalha, a quem ali contribui, a todos. Através do Museu Audiovisual do Maranhão (MAVAM) os contares, conversarem, das mulheres não terminam aqui e para o engrandecimento dos Museus, não se diz tchau, só um *até* logo.

1622

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito** / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. **GÊNERO: Uma perspectiva Global**. São Paulo: Nversos, 2015.

MADARIAGA, Inés. **Urbanismo Con Perspectiva de Género**. Instituto Andaluz de la Mujer, 2004.

SILVERMAN, David. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**; Tradução Raul-Rubenich. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Realização:



Apoio:

